

**ENTREVISTA: GRACILIANO REVISITADO****COM PROFESSOR EDUARDO DE ASSIS DUARTE<sup>1</sup>**

**Revista Baleia na Rede:** Professor Eduardo, um dos motivos para convidá-lo para nos conceder esta entrevista foi justamente o fato de que no ano de 2003 você esteve conosco na Universidade Estadual de São Paulo/FFC-Marília durante um evento de inauguração de um dos números da nossa Revista Eletrônica, portanto, dez anos depois, gostaríamos de retomar algumas discussões que acreditamos ser muito relevantes tanto para literatura, quanto para as Ciências Sociais brasileiras.

**Revista Baleia na Rede:** Inicialmente gostaríamos que você comentasse um pouco sua trajetória acadêmica e seu interesse pela literatura brasileira.

Desde criança, sempre gostei de ler e estudar. No fundo, acho que nasci com DNA de professor. Daí à literatura – sobretudo a ficção, foi um pulo. Na adolescência, me encantei com Jorge Amado e Graciliano Ramos, só deixados de lado quando de outras urgências. Fiz Letras na UFMG, mestrado na PUC do Rio de Janeiro e doutorado na USP. A literatura brasileira faz a minha cabeça desde cedo e até hoje me ajuda a compreender melhor o meu tempo e o meu país, pois me revela outros olhares para além da história oficial, centrada nos eventos, e nos grandes feitos dos heróis.

**Revista Baleia na Rede:** Durante esses 10 anos de existência, enquanto grupo de pesquisa em literatura e cinema, tentamos analisar estas duas esferas artísticas sob a perspectiva sociológica e antropológica, respeitando suas especificidades criativas. Você acredita que a literatura também possa ser lida como um recurso de crítica e de reflexão sobre a sociedade em que está inserida?

Sem dúvida, a literatura nos ajuda a construir um sentido outro para a nossa realidade, que não é só a dos grandes acontecimentos, mas composta na maioria das vezes por gestos miúdos, quase sempre anônimos, mas que revelam a humanidade, o valor e a resistência do nosso povo às duras condições sociais e econômicas a que está submetido desde os tempos coloniais. De Machado de Assis a Guimarães Rosa, e deste aos contemporâneos como Paulo Lins e outros, o que temos é a revelação de um outro Brasil, distante do brilho falso ou do sensacionalismo com que o país é vendido pela mídia. São escritos que vão fundo nas razões e sentimentos dos que sofrem desde sempre a violência da falta de oportunidades, da pobreza e até da fome. E têm sua humanidade ressaltada, o que os universaliza, fazendo-os ganhar vida em outros idiomas e em culturas distintas.

**Revista Baleia na Rede:** A nossa Revista se intitula *Baleia na Rede* justamente porque

---

<sup>1</sup> Possui graduação em Letras pela UFMG (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (1978) e doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP (1991). Cumpriu programas de Pós-doutorado na UNICAMP e na UFF. Aposentado em 2005, mantém vínculo voluntário com a UFMG, atuando como professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Participa do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade NEIA. Trabalha em especial com os seguintes temas: literatura e alteridade; literatura afro-brasileira; romance, história, sociedade; Machado de Assis; Jorge Amado. Coordena o grupo de pesquisa Afrodascendências na Literatura Brasileira (CNPq) e o literafro Portal da Literatura Afro-brasileira, com informações biobibliográficas, críticas e excertos de mais de 100 autores, disponível no endereço: [www.lettras.ufmg.br/literafro](http://www.lettras.ufmg.br/literafro)



tentamos homenagear o criador de um dos principais romances brasileiros: Graciliano Ramos. Em sua opinião, qual a importância deste autor e da sua geração para a literatura brasileira?

A geração de escritores que produz o chamado romance social dos anos 1930 tem um papel fundamental na revelação desse outro Brasil, distante até mesmo dos escritos modernistas que pregavam a “redescoberta” do país na década anterior. Esta nos dá, por exemplo, textos como **Macunaíma** que, a par de seu imenso valor literário, voltam-se para o passado, empenhados em escrever nossas origens e difundir o mito das três raças que aqui viveriam em permanente harmonia. Tal pensamento avança pela década de 30 em trabalhos sociológicos como o de Gilberto Freyre, mas é confrontado de modo contundente pelos escritos de Graciliano e seus contemporâneos do romance social. Em **Vidas secas**, por exemplo, fica patente a indignação, a exploração, a falta de horizontes: ali, “governo é governo”, o autoritarismo se manifesta nas figuras mais reles, como o soldado amarelo, porque *pobre é pobre* e, naquele contexto, tem que abaixar a cabeça para não morrer. Vemos então o Brasil profundo, herdeiro até hoje dos donatários, das capitâncias hereditárias e dos métodos da casa grande, a produzir a fome e a exclusão a fim de manter privilégios.

**Revista Baleia na Rede:** Como Graciliano Ramos lidou com o engajamento político em seus romances?

Graciliano faz literatura engajada não panfletária. Seu ponto de vista é de esquerda, de crítica e denúncia da exploração capitalista e da situação de penúria dela decorrente. Mas seus textos nunca estão no inflamado palanque em que se colocam certos livros de Jorge Amado, por exemplo. Graciliano aprendeu bem a lição de Machado de Assis: seus livros nascem do seu tempo, mas se dirigem a todos os tempos.

**Revista Baleia na Rede:** Graciliano Ramos, assim como outros autores dos anos 30, é visto como um autor regionalista, mas os temas nacionais também aparecem muito em suas obras, como podemos ler esta tensão entre o universal e o particular em sua literatura?

A tensão entre o sertão e a cidade, entre o Brasil urbano e o rural leva a por frente a frente não apenas espaços, mas também tempos distintos: o cosmopolitismo da grande cidade litorânea do século XX e o “inferno” vivido há séculos na caatinga por aqueles que não têm muito para onde ir. São facetas da realidade brasileira, com suas ilhas de progresso cercadas pelo oceano de pobreza e exclusão. O grande mérito de livros como **Angústia** é estarem centrados no ser humano, com seus sonhos e fraquezas, desejos e frustrações. E a cidade onde vive Luiz da Silva, se não é o inferno percorrido pelos filhos de Fabiano e Sinhá Vitória, não é também nenhum paraíso. A argúcia crítica do escritor enxerga nesses espaços pontos em comum, pois está voltada para o ser humano em suas debilidades.

**Revista Baleia na Rede:** A obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos foi “apropriada” pelo cinema de Nelson Pereira dos Santos em 1983, considerando que se trata de suas obras em registros distintos, como poderíamos relacioná-las ou tencioná-las?



Nelson Pereira dos Santos é um artista e um criador dos mais inspirados. O filme expressa em imagens, gestos e movimentos o que o autor condensa em palavras. A luz “estourada” e exagerada que vemos no filme – espécie de “claridão” – é a tradução perfeita do estilo seco, breve e contundente que encontramos no livro. Entre outros méritos, esse é um dos que mais me chama a atenção. Isto sem falar do talento dos atores e de outros componentes extremamente bem elaborados. É uma tradução, o livro se faz vivo em outra linguagem.

**Revista Baleia na Rede:** Qual é a atualidade de Graciliano Ramos e as possibilidades de abordagem que sua fortuna crítica ainda possui?

Graciliano Ramos é tão atual quanto Shakespeare, Cervantes, Machado de Assis, Dostoievski... Segue a trilha proposta por Machado no “Instinto de Nacionalidade”: é “homem de seu tempo e de seu país”, o que escreve parte do tempo em que vive, mas se dirige a todos os tempos, é universal. Assim, as possibilidades de abordagem crítica são inúmeras, apesar de todo o suplemento de sentido já acrescido à obra pelas brilhantes leituras existentes. É como todo grande clássico, a cada leitura novas possibilidades interpretativas se apresentam.